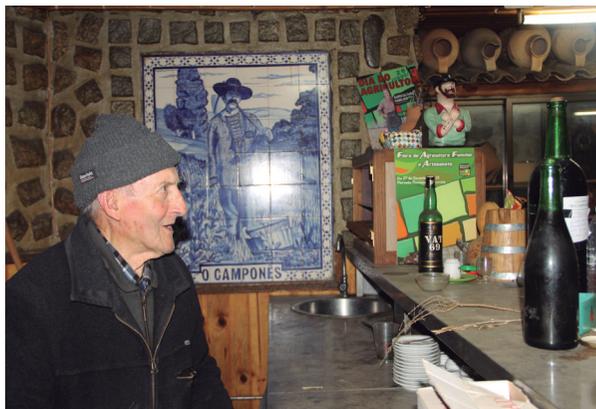


Entrevista a António Machado, a memória viva da Agricultura Familiar



António Machado é agricultor, enxertador, podador e vedor de água. Na aldeia que o viu nascer, Nespereira, no sopé da Serra da Estrela, promove a agricultura em comunhão com a natureza, teve um estabelecimento e ainda um projecto de Turismo Rural.

Foi fundador da ADAG (Associação Distrital dos Agricultores da Guarda), membro da Direcção Nacional da CNA e é um reconhecido lutador da causa da Agricultura Familiar, da natureza, da boa alimentação, pela Soberania Alimentar e um Mundo Rural Vivo.

Voz da Terra: Como nasce a paixão pela agricultura?

António Machado: Sou filho de agricultores reideiros, que apesar de viverem com muitas dificuldades para criar os nove filhos, conseguiram com que fossemos sempre à escola, mas fiz apenas a instrução primária porque não tinha possibilidades para mais. Voltei à escola, mais tarde, nos anos 50 quando parti para Lisboa em busca de uma vida melhor.

Na Aldeia, a que estávamos destinados fazer na juventude? Agricultura. O primeiro trabalho foi a descascar videiras.

Na tulha dos Condes de Sacaria, em Gouveia, de renda da casa tinham de entrar os 400 alqueires de milho, 10 alqueires de feijões, um lombo de porco e 4 galinhas. Além de trabalhar a quinta, o meu pai tratava das vinhas das pessoas ricas, pois os pobres não as tinham. Eu levei o rumo e aprendi com ele. Tinha 13 anos e foi dos meus primeiros trabalhos. Tirava a semente e fazia um viveiro, enxertava as macieiras, enxertava o bacelo e depois arranjava algum dinheiro e assim comecei a desenvolver e a adorar a agricultura.

VT: Depois de décadas em Lisboa, como foi o regressar a Nespereira?

AM: Fui para Lisboa, estive lá 40 anos, mas nunca me esqueci da agricultura. Quando regressei, verifiquei que o forno comunitário tinha sido vendido e que estava lá uma casa nova. Então, decidi construir um, que era uma padaria, e, desta forma, comecei a fabricar o pão à antiga, como a minha mãe fabricava.

VT: Que análise faz da situação actual da produção agrícola nacional?

AM: Eu conheço o distrito da Guarda todo, e sei que antigamente produzia milhares de toneladas de batatas, cereais, carne, queijo e hoje produz apenas vinho. É lamentável, porque todos os governos foram culpados, na medida em que nada fizeram para que o interior tenha gente. E não nos podemos esquecer que “quem tudo compra, tudo tem de pagar”.

Ainda agora uma notícia mencionou que a nossa balança comercial é deficitária. Então, mas se nós temos tanta terra ao abandono, porque é que temos de comprar tudo? Se podemos produzir os alimentos, porquê importá-los?

VT: E no distrito da Guarda?

AM: Nós temos terras e no distrito da Guarda a agricultura é muito diversificada: desde o melhor queijo do mundo, que é o Queijo da Serra, os frutos secos, as batatas e o legítimo queijo de vaca.

As fábricas de lacticínios que se vieram implantar no sopé da serra ganharam milhões para receber todos os leites da região norte do distrito, que tinha muita vaca, e hoje não há uma vaca a produzir leite na região. Venderam as quotas e chegaram perto dos pro-



dutores de leite e disseram “a partir daqui a 15 dias não vimos buscar mais leite”. O queijo que hoje se fabrica é água e sacos de leite em pó. Há uma fábrica de lacticínios que hoje fabrica mais queijo ela sozinha do que todo o leite que existe quase no nosso país! O direito a uma alimentação saudável que tínhamos e agora não temos.

VT: Passa-se o mesmo com o Queijo da Serra?

AM: O legítimo Queijo da Serra só se faz com leite de ovelha cru e tem de ser leite de ovelha Bordaleira Serra da Estrela e só pode ser feito com os ingredientes: sal e cardo. Além disso, as ovelhas têm de comer as ervas de determinada região (Parte dos Distritos de Viseu e Coimbra e Distrito da Guarda) onde há as flores de uma planta que chamamos a branquinha, porque o paladar do queijo vem das ervas que elas comem. Por isso, não se pode fabricar Queijo da Serra em mais lado nenhum a não ser nestas terras.

Daqui a uma década ou duas já não há Queijo da Serra porque a própria UE o permite pois houve uma altura em que propunha que se fizesse o Queijo da Serra sem o cardo e as grandes indústrias queriam isso. Isso é um atentado à dignidade de uma região e da nossa cultura e eu não aceito isso. Não posso aceitar de bom grado que atentem contra a dignidade dos nossos antepassados e da nossa cultura e de nós próprios.

VT: Refere muitas vezes que faz a agricultura em comunhão com a natureza. Como tem feito?

AM: Preservar a natureza foi sempre aquilo que eu defendi. Comecei a empregar o dinheiro na agricultura e desenvolvi muita técnica, baseando-me nas aprendizagens com o meu pai e também em livros. Fui criado com animais, tínhamos 3 vacas que davam leite e a minha irmã ia a Gouveia, ao lactário, e as mulheres que recebiam aquele leite iam às portas vender.

Quanto a produtos biológicos, é tão fácil produzi-los... No princípio do mês de Dezembro semeia-se o cebolo, depois pega-se na terra, que já em Outubro se preparou, deita-se-lhe o estrume e lava-se a terra. As águas



de Inverno caem, na Primavera sacha-se o cebolo, rega-se três vezes e produz-se 6 toneladas de cebolas enormes. Dessa vez foram 5 toneladas para uma cooperativa e a outra ficou aí, mas como não se vendia, fiz sementes.

“A UE houve uma altura em que propunha que se fizesse o Queijo da Serra sem o cardo e as grandes indústrias queriam isso. Isso é um atentado à dignidade de uma região e da nossa cultura...”

VT: Mas a sua actividade não se ficou pela produção agrícola, passou também por outras que animaram Nespereira. Fale-nos sobre esses projectos.

AM: A minha mulher tinha uma casa pequena de comidas na Damaia, em Lisboa. Quando viemos para Nespereira, disse-me que não queria ficar em casa, então arranjei a loja. Chamava-se Velha Taberna, e ainda hoje está lá uma placa de madeira

“O camponês”. Foi um projecto de Turismo Rural, casa de turismo e taberna em baixo.

VT: Esteve sempre ligado ao Movimento Camponês?

AM: Adoptei um filho há 33 anos que é a Associação de Agricultores do Distrito da Guarda.

A verdade é que os atentados à dignidade de quem trabalha a terra têm sido de todos os governos, que muito fizeram para desaparecer completamente a agricultura do interior do país, especialmente na Guarda. Os agricultores do interior do país estão no fundo do poço, mas agarrem-se, nem que seja às silvas e saiam do poço, mesmo que rasguem as mãos não rasgam a vida e estando cá fora lutem. Porque amanhã... amanhã há de ser melhor!